

CENTRO REICHIANO DE PSICOLOGIA CORPORAL

HUGO CÉSAR GAETE VERDUGO

OS FLORAIS BRASILEIROS COMO COADJUVANTES NO
DESBLOQUEIO DAS COURAÇAS.



CURITIBA
2010

HUGO CÉSAR GAETE VERDUGO

OS FLORAIS BRASILEIROS COMO COADJUVANTES NO
DESBLOQUEIO DAS COURAÇAS



Monografia apresentada como
requisito parcial ao Programa de
Especialização em Psicoterapia
Corporal pelo Centro Reichiano
de Curitiba – PR.

Orientador: Prof. Dr. José
Henrique Volpi

CURITIBA

2010

Verdugo, Hugo César Gaete
Os Florais Brasileiros como coadjuvantes no
desbloqueio das corações / Hugo César Gaete
Verdugo – Curitiba, 2010.

Orientador: Prof. Dr. José Henrique Volpi

Monografia do Curso de Especialização em
Psicologia Corporal, Centro Reichiano de
Psicoterapia Corporal.

1. Florais. 2. Florais Brasileiros 3. Orgonomia.
4. Psicologia Corporal.



ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOLOGIA CORPORAL DECLARAÇÃO DE CONFEÇÃO DA MONOGRAFIA

Eu, **HUGO CÉSAR GAETE VERDUGO**, aluno do Curso de Especialização em Psicologia Corporal, ministrado pelo Centro Reichiano de Psicoterapia Corporal Ltda., localizado na cidade de Curitiba/PR, Brasil, assumo total responsabilidade pela confecção desse trabalho monográfico para a conclusão do curso, considerando que:

- Durante o curso, recebi todas as informações sobre a obrigatoriedade da confecção da monografia por mim mesmo, e jamais por outra pessoa, estando sujeito a perder o meu certificado a qualquer momento, independentemente do prazo, caso haja a comprovação de denúncia a esse respeito.
- Estou ciente de que citei todos os autores, com os devidos créditos exigidos pelas normas da ABNT, sem ter copiado qualquer trecho de livros, Internet, revistas, etc., que se possa considerar plágio, arcando com toda e qualquer responsabilidade legal por essa questão, caso haja algum tipo de denúncia. Quando copiado algum trecho, este está devidamente mencionado com o crédito do autor (sobrenome do autor, ano da obra e páginas) e a obra indicada nas referências desse trabalho.
- Autorizo a publicação da monografia no site do Centro Reichiano, quando essa indicação for feita pelo(a) orientador(a).

Estando ciente do exposto acima, assino esse documento, o qual deverá ser incluído na primeira página da Monografia, tornando pública a presente declaração a quem se interessar.

Curitiba, 08 de Fevereiro de 2010.

Hugo César Gaete Verdugo
Assinatura do Aluno

TERMO DE APROVAÇÃO

**ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOLOGIA CORPORAL**
TERMO DE APROVAÇÃO DA MONOGRAFIA

Eu, **Prof. Dr. JOSÉ HENRIQUE VOLPI**, no uso de minhas atribuições legais no **Curso de Especialização em Psicologia Corporal**, ministrado pelo Centro Reichiano, na cidade de Curitiba/PR, Brasil, considero **APROVADO**, o trabalho monográfico de conclusão de curso do aluno **HUGO CÉSAR GAETE VERDUGO**, com conceito **C**.

Curitiba, 20 de Fevereiro de 2010



Prof. Dr. José Henrique Volpi
Orientador

CENTRO REICHIANO

Av. Prof. Omar Sabbag, 628 – Jardim Botânico – Curitiba/PR - Brasil - CEP: 80210-000
Fone/Fax (41) 3263-4895 / Site: www.centroreichiano.com.br / E-mail: centroreichiano@centroreichiano.com.br



Dedico este trabalho a toda minha linhagem, em especial àqueles que me permitiram desenvolver esta atividade de terapeuta, aos que despertaram em mim o interesse de buscar e ser mais e melhor. Estes seres hoje respondem aos nomes de Xavier, Tatian, Eduardo e Rafael como meus filhos, à minha mãe Blanca, ao meu pai Hugo que em paz descansa e, a minha companheira Eloá.
Com todos eles brindo a vida!



Ao que pareça egoísta quero partir me agradecendo. Dentro de mim sou diferentes entes e, portanto, citando o principal está o ente que percebe necessidades a serem supridas. Dentro destas, a necessidade de saber mais sobre o que sinto sobre o que concluo me orienta a buscar mais conhecimento e assim torna-lo concreto através de um esforço permanente que neste trabalho está manifesto.

Agradecer àqueles que me dão conhecimento e oportunidades e aqui quero citar meus instrutores José Henrique e Sandra Volpi representando a TODOS os que me ensinaram e dos quais muito aprendi.

Agradecer a minha terapeuta Cleide Negri dos Santos que foi facilitadora de meu processo de amadurecimento e me reconectou intensamente à natureza.

Agradecer finalmente a este universo externo que permanentemente me distrai, me instiga a averiguar o que exatamente é.



O que mais amas: a fama, ou tua pessoa?

O que mais amas: tua pessoa, ou tuas riquezas?

O que te faz mais infeliz: ganhar ou perder?

Por isso, aquele que deseja demasiado, demasiado consome

Aquele que mais entesoura, mais perde

O homem que se contenta, não padece desgraças

O homem que sabe conter-se, evita o perigo

Sendo assim, atinge a vida eterna.

Lao Tse

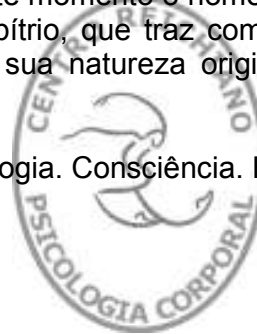
Do Tão Te King

O livro do Sentido e da Vida

RESUMO

Na busca por sintetizar o exposto nestas páginas encontrei apropriado partir do maior sistema que a Criação nos apresenta e este é a natureza. Dentro dela encontramos três subsistemas: animal, vegetal, mineral. Teilhard de Chardin definiu dentro do reino animal uma separação criando o subsistema hominal. Nesta pertinente modificação pela modernidade e complexidade necessária ao nosso tempo e conhecimento, queremos então, comparar dois subsistemas que fazem parte deste trabalho. O reino hominal e o reino vegetal, que respondem às leis da natureza, portanto em si são iguais em harmonia e equilíbrio até certo momento. Para os dois a vida é um processo onde existe um antes, um durante, e um depois, determinando as leis do tempo e também a importantíssima relação causa-efeito. Esta relação em seu movimento ou pulsação produz a evolução, determina a aprendizagem e, portanto, adquire uma experiência. Desta experiência teremos questões de ordem filogenética e questões de ordem ontogenética, que se manifestam, finalmente, como respostas ou comportamentos, mas todos obedecem a uma lei só, a lei da natureza-amor. A melhor expressão do amor se constrói na relação do dar e receber. Neste exercício adquirimos consciência, equilíbrio e manifestação. Até aqui temos seres que se manifestam sem alteração, seres originais com respostas iguais. A partir deste momento o homem se separa para uma criação própria, denominada livre arbítrio, que traz como resultado, muitas vezes, as neuroses, se separando da sua natureza original. As plantas nos trazem à reconexão.

Palavras-chave: Caractereologia. Consciência. Florais. Terapia Corporal.



SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. OS FUNDAMENTOS DA CARACTERELOGIA	14
3. OS FUNDAMENTOS DA TERAPIA FLORAL	20
3.1 FLORAIS DO PRIMEIRO NÍVEL	25
3.1 FLORAIS DO SEGUNDO NÍVEL	25
3.1 FLORAIS DO TERCEIRO NÍVEL	25
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS	29



1. INTRODUÇÃO

Nasci numa família classe média no Chile, de pais profissionais onde os dois trabalhavam, sendo criado por parentes próximos nos primeiros anos de vida e por empregados posteriormente. Aos 12 anos ingresso num seminário católico. Saí cedo de casa, estudando em internato, noutra cidade, distante dos meus pais, aos 16 anos. E aos 18 anos ingressei às agruras da disciplina militar, estudando para oficial de marinha, disciplina que não suportei e desisti.

As relações interpessoais sempre me produziram dificuldades intensas, com meus irmãos, pais, primos e amigos e responsabilidades. E, se bem, tive um vislumbre de escolher psicologia para estudar estas relações, não tive força para contradizer meu pai quando me convidou para trabalhar com ele após me graduar. Como poderia recusar se sempre me senti postergado por ele? Então, me formo em geomensura, indo trabalhar na empresa em que meu pai trabalhava.

Na experiência como engenheiro de geomensura administrando obras, administrando conflitos de relacionamentos e interesses dos membros das equipes, aprendo como as relações funcionam. Após os 28 anos a busca de conhecimento para ajudar os outros (e a mim mesmo) continua pela vida espiritual que ninguém ensina a não ser a vida mesma.

Aceito então, um convite para vir para o Brasil como uma de oportunidade de trabalho, me afastando da minha família de origem, e começando a construir a minha própria família. Aqui, no Brasil tomei contato com experiências espirituais abrindo meus olhos para uma dimensão e contato com ela que na minha terra, o Chile, seria impossível. Vim, averigüei, perguntei, participei, e experimentei dessa dimensão nos níveis mais próximos do relacionamento humano e dimensional. Explicando, conversando, interpretando, curando situações e conflitos de relações onde até o tempo, como o passado e presente faziam parte, descobrindo a grande afinidade que tenho por estas verdades relativas.

Já no Brasil me formei como consultor de empresas e com especialização em resultados pelo Sebrae. Pude assim trazer toda a bagagem das relações e conflitos de interesses ajudando, desta vez, as instituições e seus membros a encontrar eficiência principalmente estratégica, buscando valores que as projetassem ao futuro.

Hoje posso assegurar que todas estas experiências e contatos de aprendizados faziam parte de um preparo que, após uma experiência de cura que supera esta dimensão material e chega até a dimensão imaterial, se transforma em um campo profissional diferente dos formais até aqui assumidos.

Numa das empresas que trabalhei um dos funcionários que tinha na época 19 anos de serviço, descobre que estava com leucemia. Após muitos esforços pessoais e também da empresa por ajudá-lo a superar a doença, ele não conseguindo se recuperar e vendo que eu permanecia ausente de todo este movimento, uma vez que ele era parte da minha equipe, se aproxima perguntando qual seria o por quê da minha distância. Digo para ele que talvez ele não gostasse da resposta que eu teria para dar, para ser honesto com ele. Ele insiste em querer saber apesar do difícil que isto possa ser, e assim, eu respondo que apesar de todos os esforços que ele próprio, a família e companheiros de trabalho faziam, eu sentia que ele não se recuperaria; que as pessoas não estavam sendo honestas com ele, inclusive ele próprio e, que ele lamentavelmente teria que morrer, desaparecer desta dimensão material. Quando digo isso a meu companheiro coloco em prática algo que teoricamente aprendi e senti a força da integração de uma verdade que supera a dimensão material e o conceito da cultura local sobre a morte e o morrer. Compreendi na prática o significado da morte como veículo interdimensional e da continuidade da vida e de suas leis, onde o amor tudo inclui, e que a vida não desaparece apenas se transforma. Ele me agradece e confirma que também sentia o mesmo. Disse que mantinha uma postura ou desenvolvia um papel de fazer de conta que a possibilidade de recuperação existia mais para não decepcionar sua família e companheiros e os esforços de tantos outros.

Após este confronto com a realidade, e apesar de toda a emoção, ele solicita-me seguir conversando, expandir esta realidade para sua família e assim, todos poderem viver uma realidade plena, apesar de difícil. Assim, iniciamos por um curto período de tempo uma relação em que íamos conversando sobre as possibilidades que ele teria após o seu falecimento. Também teve oportunidade de harmonizar seu lar, principalmente porque seu filho de 14 anos não aceitava essa situação, também enxergando a realidade que se aproximava sofria e se isolava não dando a possibilidade de aproximação a este pai. Nosso relacionamento chega a um ponto de tratar em

família sobre esta situação da sua morte. Após certo tempo e algumas reuniões a família aceita esta condição tal como ele já havia aceitado. Aproximadamente 3 meses após esse episódio, ele falece, rodeado de sua família, de amigos, e de pessoas que vieram a orar na intenção de propiciar uma melhor passagem dele desta para outra dimensão, que para nós aqui encarnados na matéria se torna tão difícil por culturalmente não sabemos como enfrentar.

Eu me lembro que numa das últimas reuniões que nós dois tivemos pouco tempo antes dele falecer, ele me pede para eu continuar a mostrar a outras pessoas que também necessitassem desta compreensão da morte e do morrer e harmonizar situações de família e, desta forma, isto direcionou a minha energia para buscar mais conhecimento. Minha primeira formação nesta área foi Reiki, uma técnica de imposição de mãos para equilibrar a energia do corpo manifestado nos chacras, a qual se tornou minha primeira experiência como terapeuta formal, aplicando a pacientes com doenças graves dentro de uma clínica de apoio a portadores de câncer. Posteriormente adquiri o conhecimento e comecei a praticar a aplicação de medicamentos fitoterápicos com base na Medicina Tradicional Chinesa e os conceitos energéticos da Medicina Ayurvédica, derivando para o conhecimento dos Florais Brasileiros desenvolvidos por Joel Aleixo. Através deles descubro o potencial para ajudar o paciente a encontrar consciência através das suas próprias dores, utilizando-se de um medicamento que o auxilia e o conduz desta vez conscientemente a encontrar um sentido para sua própria experiência dolorosa.

Observando que a dor de uma pessoa representa a cúspide de uma pirâmide em que muitas pessoas participam desta mesma rede, busco na Teoria Familiar Sistêmica conteúdos para auxiliar a este sistema tornando-me um conselheiro familiar.

Depois de alguns anos, entro em contato com a Terapia Reichiana e principalmente, dentro deste conhecimento chama profundamente minha atenção a caractereologia e o conceito de couraça. Estes estudos dão maior conteúdo e estrutura a minha própria experiência e me faz entender cada vez com mais força de quanto as nossas atitudes e comportamentos inconscientes poderiam ser tratados e reformulados, além de suas técnicas específicas, podendo complementar esta terapêutica com os Florais Brasileiros em particular.

Pretendo, com esse trabalho, mostrar a conexão entre o ser humano com dificuldade de expressão de um eu integrado e auto-regulado e uma planta que possui na sua “caractereologia” um elemento puro e natural que poderia chamar de um eu autêntico, que não muda, mas se adapta às condições externas, mantendo a pureza dos elementos próprios da sua individualidade. Demonstrar que a planta com uma manifestação específica que não muda será aplicada a um elemento em permanente mutação, própria de sua evolução, trazendo o despertar para uma possibilidade diferente, ajudando a desbloquear corações e estruturas rígidas de caráter.



2. OS FUNDAMENTOS DA CARACTEREOLOGIA

Podemos interpretar que saúde para um ser humano seria a expressão de um ser integrado e auto-regulado que Reich denominou como caráter genital.

Navarro, porém, nos explica que:

Podemos falar de caráter somente quanto àquele que é maduro, ou seja, genital. Do contrário, trata-se de caracterialidade, isto é, o conjunto de traços caracteriais que configuram a chamada normalidade do homem neurótico de hoje. (NAVARRO, 1995, p 10).

O caráter genital de que Reich falava é aquele que tem a possibilidade da potência orgástica. Para ter a potência orgástica este tem que ser capaz de, no momento do prazer, no amor, abandonar-se completamente. José Henrique Volpi e Sandra Volpi definem como “morrer no outro e perder por um momento o contato consigo mesmo para se sentir parte da natureza, do corpo”. (2003, p 13). Penso que nesta frase está contida a grande conexão que existe em todo o universo, em todo o Cosmos e, portanto, também, em nós seres humanos. Acredito também que o amor é esta manifestação. A felicidade é justamente o alcance da saúde plena e, portanto quando Reich define o caráter genital como a livre circulação energética nos faz pensar que sentir isso permanentemente é que nos traz a felicidade e, nos faz entender que a energia do amor circula dentro e fora de nós, como indivíduos maduros, integrando absolutamente todas as coisas incondicionalmente.

Lamentavelmente nós temos dificuldades para fazer circular esta energia e ela fica bloqueada, estagnada, ela toma posição dentro de nosso corpo, dentro de nossa musculatura limitando os movimentos. A circulação bloqueada permanece registrada no corpo, nos músculos criando o que Reich denominou couraça. José Henrique e Sandra Volpi definem assim:

O sistema nervoso detecta estímulos externos e internos, tanto físicos quanto químicos e desencadeia respostas glandulares e musculares. Assim, é responsável pela integração do organismo com o meio ambiente. (VOLPI & VOLPI, 2003, p 17).

Somos impactados então, por estímulos externos que, ao sentirmos internamente determinam movimentos, os quais impactam de volta o meio externo.

Navarro afirma que:

Não se pode falar de aparato muscular sem o sistema nervoso que o integra e, por outro lado, não se pode falar de um sistema nervoso isolado sem o efeito muscular externo. (NAVARRO, 1995, p 18).

Nesta livre circulação de energia ou na falta dela, denominada como couraça, entendemos que há um sistema nervoso somático e um visceral. Este último, o sistema visceral, está dividido em sistema nervoso simpático e parassimpático. Todos os órgãos internos recebem inervações de fibras nervosas simpáticas e parassimpáticas. Em síntese, a função do sistema simpático é contração e do parassimpático é o relaxamento. Portanto, o fluxo de energia entre estes dois sistemas é o que produz o movimento, a pulsação como Reich a denominou e esta pulsação é a que define a saúde.

Especificamente para estes dois sistemas quando o estado é de permanente expansão, se chama como parassimpaticotonia e o permanente estado de contração é a simpaticotonia. Então o equilíbrio entre estes dois sistemas é chamado por Reich de estase e a ausência de pulsação define a couraça.

José Henrique e Sandra Volpi explicam que:

Reich define saúde com base na capacidade do indivíduo oscilar ritmicamente entre estes dois sistemas. É a pulsação que leva o indivíduo a estar sempre confrontando o mundo que o cerca e a caminhar em direção à vida. (VOLPI & VOLPI, 2003, p 18).

Segundo esta definição, portanto, o equilíbrio biológico do organismo está em manter este livre funcionamento em igual proporção tanto para um quanto para outro. O que o bloqueio produz então é carregar um destes sistemas energeticamente produzindo o que mais à frente trataremos como hipoorgonia, desorgonia e hiperorgonia.

Segundo Reich (1986), couraça significa uma armadura que protege o ego contra o estresse desagradável. Funciona, portanto, como uma defesa. Ao estudar a palavra couraça fica muito bem definida a forma da couraça, que é especificamente uma proteção dos aspectos emocionais que tem por fim nos defender dos perigos externos que o mundo apresenta. Estas defesas, esta couraça restringe energeticamente, deixando rígido, bloqueado, principalmente das excitações emocionais, das sensações orgânicas e corporais que o indivíduo deveria sentir para torna-se um ser completo, genital.

Em seu livro Metodologia da Vegetoterapia Caractero-analítica, Navarro define:

Para tornar o corpo vivo, vital e funcional a energia deve circular livremente da cabeça aos pés e vice-versa e encontrar, numa sexualidade satisfatória e sadia (não apenas genital) sua via de descarga natural. (NAVARRO,1996, p. 16).

Esta energia, a energia sexual que nos impulsiona ao prazer e nos dá a vida, permanece, então, bloqueada por diversos aspectos principalmente o cultural. Navarro (1995, p. 97) diz “Em última análise, o caráter tem sempre uma função defensiva, fruto de uma resposta inadequada da sociedade às nossas necessidades primárias”.

Bloqueios ou couraças são as respostas do indivíduo às frustrações e são mapeados por Reich (1995) no corpo humano em sete níveis ou segmentos.

O primeiro nível, chamado de segmento ocular, corresponde aos olhos, pele, ouvidos e nariz. Navarro (1995) diz que é o nível da interpretação e o bloqueio energético nesse segmento, ocasionado por um estresse durante a gestação ou primeiros anos de vida, será responsável pelas alterações da percepção do sujeito.

O segundo nível, oral, pertence à boca e seus anexos. De acordo com Navarro (1995), o bloqueio nesse segmento se dá pela deficiência na amamentação e responderá pela condição de depressividade da pessoa.

O terceiro nível, do pescoço, também chamado de segmento cervical, responde pelo controle. O quarto nível, do tórax, incluindo os braços ou cardíaco, é o nível da ambivalência. O quinto nível, o diafragma, retém a ansiedade. O sexto é o abdômen e nele encontramos a impulsividade. Por ultimo, encontramos o sétimo nível que inclui a pelve e os membros inferiores, nível esse que responde pelo prazer, ou ausência dele quando no caso de um bloqueio.

Achamos conveniente complementar esta informação. Navarro (1996) amplia e associa para cada nível as emoções e os afetos que mobilizam nossas respostas ao meio ambiente. Resumidamente seria o seguinte:

As emoções são expressão de uma reação, e os afetos são expressão de motivações, se considerarmos os sete níveis corporais identificados por Reich, podemos situar estes sentimentos do seguinte modo:

1º nível (olhos, ouvidos, nariz)

Emoção: 1) alarme 2) medo 3) terror 4) pânico

Afeto: 1) surpresa 2) espanto 3) embaraço 4) desorientação

2º nível (boca)

Emoção: 1) comoção 2) nojo 3) gosto 4) separação 5) agressividade

Afeto: 1) depressão 2) ressentimento 3) raiva 4) apego 5) dependência

3º nível: (pescoço)

Emoção: 1) abandono 2) medo de cair 3) medo de morrer 4) inibição

Afeto: 1) simpatia 2) antipatia 3) interesse 4) orgulho 5) isolamento

4º nível: (tórax)

Emoção: 1) nostalgia 2) ira 3) angústia

Afeto: 1) tristeza 2) solidão 3) felicidade 4) amor-ódio 5) incerteza 6) ambivalência

5º nível: (diafragma)

Emoção: 1) angústia 2) ansiedade

Afeto: 1) hostilidade 2) serenidade

**6º nível:** (abdômen)

Emoção: 1) agitação 2) desespero

Afeto: 1) dor 2) cólera

7º nível: (pélvis)

Emoção: 1) excitação 2) apego 3) prazer 4) destrutividade

Afeto: 1) potência 2) moralismo-repressão 3) autoritarismo

Entendemos que as emoções são reações a algo que vem de fora, herdadas cultural e evolutivamente e o afeto são os motivos internos que determinam a manifestação, portanto, o afeto é algo aprendido.

A palavra emoção vem do latim, ex-movere, movimento do interior para fora, é um movimento neurovegetativo e muscular que se expressa no comportamento do indivíduo. Esta expressão é a própria caracterialidade.

Em Navarro encontramos:

O que caracteriza a psique é o fenômeno emocional (ex-movere). (Sabemos hoje que, até as plantas tem uma vida emotiva, isto é, reativa!). A sensibilidade é a peculiar faculdade da matéria viva de reagir com um movimento energético (do centro para a periferia ou vice versa) a cada estímulo externo. (NAVARRO, 1996, p. 16).

Acreditamos ser importante dar maior profundidade, então, ao significado da palavra emoção, que significa dar movimento para fora, ao exterior, movimento da energia do interior para o exterior. Este movimento tem um nome e é o sentimento que dá nome a esta emoção. Então temos, por exemplo, que o movimento de energia de dentro para fora é a raiva, é o medo, assim como o prazer, a ansiedade, o controle e tantos outros. A vida portanto, é uma manifestação energética.

Emoções reprimidas nos músculos provocam os bloqueios, isto é a couraça. Uma das principais manifestações do encouraçamento está no nível energético, na quantidade de energia que cada indivíduo utiliza para existir, para agir, para ser.

Nosso comportamento, a forma e conteúdo que damos às nossas atitudes sempre estarão condicionadas ao nível de intensidade ou força das nossas expressões ou reações emocionais em primeiro lugar, quero dizer, quanta energia colocamos nas nossas reações? Quanta energia dispomos para reagir ao que a vida nos apresenta?

Navarro define como quatro os níveis energéticos: podemos encontrar então um indivíduo com uma carga energética baixa, denominado hipoorgonótico. Depois os desorgonóticos com uma carga energética mal distribuída, mal estruturada. Em terceiro estão pessoas com carga energética desorganizada e fraca denominando-se desorgonótico hipoorgonótico. Em quarto temos os de carga energética alta ou excessiva os hiperorgonóticos.

Navarro (1995, p. 26) explica que “Todo traço caracterial é, em última análise, a solução que o indivíduo encontrou para reprimir uma situação conflitante”. Além da quantidade, Navarro nos orienta posteriormente para as qualidades ou conteúdos quando cita a teoria de Mac Lean do cérebro triuno, com todas as suas interconexões e condicionamentos.

E é a funcionalidade neuromuscular que provoca a formação da caracterialidade e, depois, do caráter. O caráter é, definitivamente, a maneira habitual de agir e reagir de um indivíduo por intermédio de seu comportamento; o comportamento é expresso sempre mediante

uma atividade neuromuscular e encontra suas motivações, no homem, na atividade do cérebro límbico e reptiliano, com um relativo condicionamento da parte do neocortex. (NAVARRO, 1995, p. 11).

Na teoria de Mac Lean estes três cérebros nos mostram como o homem tem evoluído e apesar de tantos anos ainda não consegue a maturidade suficiente como para se tornar genital. As motivações do homem de hoje dizem muito sobre a imaturidade, produto de um sistema cultural muito mais preocupado com atividade econômica que com o crescimento e desenvolvimento de um ser, dando conta apenas dos seus desafios mercantilistas. Assim, as suas frustrações pelas necessidades não satisfeitas, tanto as externas quanto as internas, o conduzem a evitar ou introjetar a dor ou sofrimento, produzindo então sintomas. Como explica Navarro:

Na estrutura caracterial funcionam dois princípios econômicos da formação do caráter: o de evitar a angústia com certas manifestações de conversão, ou o de reter a angústia, quando não é possível evitá-la, de modo que ela não nos prejudique e nos faça sofrer. (NAVARRO, 1995, p. 26).

Novamente referindo a teoria do cérebro triuno, vemos que no cérebro reptiliano, sede dos instintos, o medo nos impulsiona a lutar ou fugir determinando a nossa sobrevivência. Sobre isso Navarro explica:

O instinto de conservação é, portanto, a característica de todo fenômeno psicológico, para obter uma homeostase válida [...] a fusão energética é então um elemento basilar para o crescimento do embrião, assim como é importante o campo energético no qual irá se desenvolver [...] A ação estressante sobre o embrião é principalmente determinada pela emoção do medo, que é o medo celular da morte. (NAVARRO, 1996, p. 17)

Neste lutar ou fugir normalmente fugimos mais que lutamos, criando nossos bloqueios ou couraças que restringem a energia disponível para funcionar e, Navarro define na caractereologia as estruturas que determinarão as características específicas dos comportamentos neuróticos que são: 1. Núcleo Psicótico; 2. Borderline; 3. Psiconeurótico; 4. Neurótico. Nelas podemos diferenciar claramente quanto condicionam nosso comportamento, nos mostrando as dificuldades para tomar consciência e supera-las para amadurecer.

Assim, a necessidade biológica de sobreviver ou o medo é a base de todas as neuroses e Navarro descreve que o medo de morrer ou desintegrar-se

corresponde à estrutura do núcleo psicótico e mantém um campo energético hipoorgonótico. O medo de não poder sobreviver corresponde à estrutura de caráter borderline e um campo de energia desorganótico. O medo da castração corresponde à estrutura de caráter psiconeurótico e possui um campo energético hipoorgonótico desorganótico. Finalmente o medo de não poder conseguir viver corresponde à estrutura de caráter neurótica e possui um campo energético hiperorganótico.

Na revisão destes conceitos nos damos conta da importância que tem o conhecimento das neuroses que nos restringem chegando ao ponto do adoecimento. Estes conceitos serão a base para, mais tarde, compará-los.

3. OS FUNDAMENTOS DA TERAPIA FLORAL

No modelo da terapia floral estão inseridas todas as práticas e experiência da medicina oriental onde o homem é um elemento integrante da natureza igual ao resto dos reinos. Na Medicina Ayurvédica e Medicina Tradicional Chinesa o ser vivo é considerado um todo em suas constituições biológicas e comportamentais que, no ocidente, é representada pela Medicina Homeopática de Hannemann, continuadora da medicina Fitoterápica de Paracelso e incrementada hoje pelos Florais de Bach. Tanto na medicina de Paracelso quanto nos remédios e aplicativos dos Florais de Bach as plantas são medicamentos inteiros, completos, porque a planta se toma como um elemento vivo com todos os seus componentes no nível energético que ela tem quando viva e que é transferida a um elemento aquoso quando remédio. A água é outro elemento do reino mineral que funciona, neste caso, como um cristal de quartzo que grava após contato com qualquer elemento (planta), as informações e características de seus elementos energéticos constitutivos.

É importante definirmos o conceito de planta inteira. Em alguns casos, encontram-se mais de 300 princípios ativos numa planta. Nos aplicativos fitoterápicos estas plantas auxiliam os sistemas de saúde, fazendo com que quando a pessoa toma um medicamento ela toma todos os princípios ativos, diferente da farmacologia alopática em que ela toma apenas um ou dois princípios ativos. Assim, a medicação alopática resolve um problema muito específico, porém, desequilibra o organismo como um todo, causando dificuldades em outras partes do organismo a nível sistêmico.

Podemos reconhecer que a natureza é um sistema em equilíbrio? Damos-nos conta que o ser humano na sua complexidade, como tudo na natureza, está em desequilíbrio em maior ou menor grau. Esse desequilíbrio é próprio do movimento evolutivo.

Navarro (1995, p. 26) nos orienta dizendo “Em todos os seres vivos, verifica-se essa resposta de expansão e de contração, conforme as condições sejam respectivamente gratificantes, favoráveis ou frustrantes e desfavoráveis”.

O ser humano é o único subsistema dentro da natureza que pode criar suas próprias regras, condutas e comportamento, chamado livre arbítrio. Para o resto dos subsistemas, vegetal, animal e mineral, não existem esta possibilidade, devendo se manter dentro de uma única manifestação para toda a espécie. Navarro (1995, p 26) diz “No que se refere à planta, há igualmente uma reação, mas é uma reação diretamente energética, que implica modificações da sua respiração clorofiliana e produção de linfa”.

Uma experiência destas modificações produzidas numa planta foi feita por Cleve Backster, um policial que trabalhava na ilha de Alcatraz como encarregado do teste do polígrafo, um detector de mentiras, o qual revelou uma experiência com plantas mostrando as reações energéticas e sentimentos que as plantas sofrem nesta interação. O policial colocou os eletrodos do detector numa planta e pensou uma frase “e se eu queimasse você?” dirigindo-se à planta. Imediatamente se apresentaram sinais eletrônicos no detector o que conduziu o policial a fazer outra experiência para confirmar se estes sentimentos e memórias poderiam ser verdadeiros ou responder a outra interação. Nesta nova experiência o policial colocou duas plantas vivas numa sala. Apagou as luzes e juntando um grupo de companheiros pediu que entrassem, um a um, na sala e que um deles esmagasse uma das plantas. O objetivo era ver se a planta sobrevivente reconheceria o assassino da planta companheira. Assim, depois de feito como combinado, ele colocou o eletrodo na planta sobrevivente e pediu para que todos os que haviam participado da experiência entrassem, um a um, e para assombro de todos quando o assassino se apresentou a planta excitou o polígrafo a tal ponto que ficou evidente a sua “manifestação quase humana” como o policial descreveu.

Joel Aleixo que nos descreve esta experiência em seu livro *Essências Florais Brasileiras* e relata que “Em 12000 anos de história humana, desde que

o homem saiu das cavernas e descobriu a agricultura a humanidade se cura com ervas.” (ALEIXO, 1995, p. 16).

Paracelso apud Aleixo (1995, p. 17) “As plantas não curam ninguém, é a alma delas que cura”. E Aleixo continua a respeito de Paracelso:

Era uma das frases mais conhecidas deste curador que, além de defender que o poder de cura de uma planta residia em seu “espírito”, também defendia a idéia de que este poder será tanto maior quanto mais seu manipulador estiver imbuído de uma verdadeira intenção de cura. (ALEIXO, 1995, p17)

A Fitoterapia Chinesa, com mais de 5000 anos de registros nos dão as primeiras informações sobre esta relação planta-ser-humano. Posteriormente indianos, egípcios, gregos, romanos, árabes, trouxeram até Paracelso, o maior médico de finais da Idade Média e início do Renascimento, o preparo e aplicação de diversas combinações de plantas para fins específicos na saúde do ser humano.

Posteriormente, Hannemann contribuiu com a descoberta do “similis in similis” (o semelhante cura o semelhante) dando origem à Homeopatia. E assim, chegamos aos florais, sendo, Bach o maior divulgador da ressonância energética entre uma doença e a energia da planta viva denominada aura. Neste conceito, pela primeira vez fica claro que tanto plantas quanto seres humanos têm um campo energético e que eles se afetam mutuamente. Bach se curou de uma doença terminal permanecendo nu embaixo de plantas específicas, tomando contato direto com a planta adequada à cura da doença que ele possuía. Desta descoberta ele cria, portanto o sistema de florais de Bach, hoje divulgado no mundo inteiro.

Os Florais Brasileiros levam este nome por terem sido pesquisados e divulgados por Joel Aleixo, um paranormal, e um grande sensitivo que investigou aproximadamente 3600 plantas brasileiras. Num processo seletivo, através da visualização da energia de cada planta, a saber, a aura de que falamos anteriormente, seleciona 99 das mais significativas e que agrupariam as restantes em suas características de frequência de luz manifestada através de cores (aura). Aleixo comparou a aura da planta com a aura do ser humano e se deu conta que, seres humanos com doenças mostravam frequências de cores iguais para as mesmas doenças. E explica que:

Quando qualquer informação gravada em nossa aura precisa ser retrabalhada, a memória a manda para a lembrança. Se a pessoa não transforma esta lembrança, ou mesmo, não a compreende e a mantém da mesma forma, a aura a manda para a medula que se incumbem de descarregá-la nos sistemas nervosos que governam todos os nossos órgãos, músculos ou ossos. É aí fatalmente, que aparece a doença, que nada mais é do que as questões mal revolidas da memória sendo eliminadas. (ALEIXO, 1995, p 32).

Nesta citação Joel Aleixo se integra a todas as definições feitas por Reich e por Navarro, criando assim, o maior elo de conexão entre as dificuldades produzidas pela neurose e a facilidade de cura das plantas.

Queremos mostrar esta ressonância através de um exemplo: a cor azul se apresenta na região da garganta de uma pessoa saudável, mas se ela apresenta uma dificuldade ou disfunção qualquer na garganta (que pode ser uma dor, um grito preso, um não entalado) apresentará nesta região uma cor escura, cinza, preto ou marrom. Um dos aplicativos terapêuticos possíveis é buscar uma planta que tenha na sua aura ou no seu campo energético as cores de uma pessoa sadia (azul), neste caso a margarida (*chrysanthemum leucanthemum*), levando assim o paciente à recuperação desta parte do seu corpo. O azul é a cor do espectro solar que vibra nesta região da garganta quando sem bloqueios. E quando com bloqueios a planta força com seu espectro específico o bloqueio a ser movimentar para a elaboração, dependendo da qualidade e quantidade de energia contida nesta disfunção.

Neste exemplo estamos fazendo um aplicativo através da doença de uma pessoa para tirá-lo de uma emergência, mas não esquecendo que cada pessoa é um sistema e, portanto, outras partes do corpo certamente apresentarão dificuldades que devemos revisar para ter um diagnóstico mais apurado, onde aspectos não tão só físicos, senão também, mentais, emocionais e espirituais, deverão ser considerados. O diagnóstico considera aspectos conscientes e inconscientes do paciente e a intervenção é direcionada para melhorar os processos em andamento e os que ainda não se apresentam efetivamente, mas que denotam tendências que no futuro poderiam materializar outras disfunções.

É importante mencionar que o cultivo das plantas e o preparo das essências fazem parte integrante da qualidade energética do medicamento. Assim, Navarro afirma que “é importante considerar que o terreno, o clima e o momento da colheita influenciam as plantas e que as plantas são diferentes entre si quando crescem em lugares inadequados” (2002, p. 59).

Joel Aleixo na preparação dos Florais Brasileiros também dá importância ao seu plantio, colheita e preparo, onde são utilizados procedimentos antiquíssimos, chamados alquímicos vindos da Idade Média, e provavelmente efetivos desde Paracelso, onde se considera as fases da lua, o campo energético da terra, as florações, o tipo de água, a energia das pessoas que colhem as plantas, entre tantos outros. Aleixo, explica como ele trabalha na fase de preparo e cultivo:

Para se obter sucesso nesta fase é preciso estar em perfeita sintonia com as leis da criação, pois, ao contrário do ser humano, o reino vegetal é totalmente manipulado pelas forças desta lei, que só se manifestam ao encontrar ambiente propício, natural, receptivo e de qualidade vibratória compatível com este trabalho, do qual somos diretamente responsáveis. (ALEIXO, 1995, p 23).

Aleixo complementa (1995, p24) “As plantas tem um mecanismo de manifestação guiado pela própria natureza”.

Para podermos entender melhor esta frase é necessário entender como a natureza se relaciona com uma planta: partindo da semente que é um ente com potência energética muito além da semente, será recepcionada pelo solo que, em sua maior ou menor riqueza, albergará esta potência. Em alguns casos esta semente dormirá até 20000 anos sem se manifestar, mas de acordo a condições externas, chuva, calor, frio, neve, despertará e na maior escuridão do leito terreno começará seu esforço de transformação. Durante algum tempo, então, romperá sua condição de semente para se transformar num broto que buscará, sem poupar esforços, quebrando até rochas se necessário, a luz. Uma vez que alcançou este objetivo começará um outro desenvolvimento onde, novamente, as mesmas condições anteriores determinarão, de acordo às características da sua espécie, altura, grossura do seu talo, para resistir, principalmente, aos ventos, criando uma estrutura que a sustentará. A terceira etapa será a da produtividade, onde a flor alcançará apogeu, entregando à paisagem perfumes e cores que só elas conseguem expressar, onde a beleza é sua maior oferta. Neste fruto está contida a mais refinada e sutil das potências energéticas do reino vegetal, que quando não aproveitada, neste esplendor, fecundará novamente o solo repetindo este interminável ciclo de evolução.

Joel Aleixo desenvolveu sua terapêutica tendo como base a ressonância vibratória entre uma planta sempre sadia, pura em essência e a vibração do

espectro solar (aura) de um ser humano sadio (caráter genetal), e agrupou as plantas em três níveis.

3.1 Florais do primeiro nível

São aquelas que apresentam cores do espectro solar definidas pelo vermelho, laranja e amarelo, a que correspondem todas as flores de ervas medicinais. Estas flores movimentam sentimentos e emoções mais densos ou grosseiros, próprios do instinto. Atuam no sistema nervoso e meridiano energéticos da literatura oriental, eliminando lembranças e bloqueios através do corpo físico e seus canais e sonhos.

3.2 Florais do segundo nível

São plantas de jardim e árvores de vibração aurica nas quais predominam os tons azuis do espectro solar, a saber, azul claro e índigo. Tem uma atuação mais profunda e prolongada na memória. Sua vibração mobiliza bloqueios de ordem comportamental, de uma manifestação mais interna, produzindo sonhos como um canal de eliminação.

3.3 Florais do terceiro nível

São flores de plantas que vibram em tons além do espectro solar, como o dourado e o violeta, atuando além do corpo físico do paciente, interferindo e modificando o ambiente coletivo.

Joel Aleixo (1995, p. 33) afirma que “As doenças são descargas energéticas das lembranças pessoais e que o corpo está eliminando através de órgãos, músculos e ossos”.

A respeito da terapia floral, aqui especificamente dos Florais Brasileiros, Joel Aleixo nos direciona para averiguar em nosso cliente as dificuldades que nos apresenta diversos níveis de manifestação, a saber, no corpo físico, no corpo mental, no corpo emocional e no corpo espiritual. Os comportamentos que são reações ou manifestação da conexão que cada um tem com a realidade como a percebe e como a ela responde.

No espectro solar, que no ser humano, igual que a planta, possui sete cores, Joel diferenciou as características para cada uma delas:

Vermelho: que governa pernas, órgãos sexuais, ânus e próstata. Movimenta energias próprias de disfunção da sexualidade, dos instintos, das lembranças e experiências adquiridas.

Laranja: governa bexiga, vesícula, ovários, útero, baço, trompas e parte dos intestinos. Melhora as disfunções ligadas às emoções e sentimentos próprios da sexualidade, como a vaidade e carinho sensual.

Amarelo: governa os rins, parte do intestino e o estômago, a vesícula biliar e o fígado. Melhora as disfunções produtos de ansiedade, medo, inseguranças, expectativas do futuro.

Verde: governa coração, mamas, pulmões e também fígado. Melhora as disfunções causadas por sentimentos ligados à família, amigos, amantes e relacionamentos em geral, que denotam graus do amor.

Azul: governa a mandíbula inferior da boca, os dentes, tireóide, e pescoço. Melhora as disfunções próprias às dificuldades com a mente concreta que responde ao uso da palavra, capacidade de falar ou calar.

Índigo: governa ouvidos, olhos, nariz e partes do rosto. Melhora as disfunções das capacidades de ver, ouvir, cheirar, enfim os tele - receptores.

Violeta: governa o cérebro e suas funções. Melhora as disfunções da área do mais profundo e sensível de nosso raciocínio.

Uma vez conhecida as disfunções que nossos pacientes nos apresentam buscaremos uma planta que em sua freqüência vibratória possua as cores do espectro que vibrem com maior intensidade e na cor característica da disfunção, incluindo nesta apreciação o movimento energético da planta, podendo ser esta então, de expansão ou de contração destas mesmas cores, o que ajuda enormemente na conceituação da quantidade de energia disponível para o paciente.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta revisão conceitual a Psicologia Corporal aporta conhecimentos de grande valia para as situações que deturpam nosso ser natural, em equilíbrio, nos conduzindo às neuroses. Os florais, através da sua interação recompõem esta conexão, trazendo-nos de volta a possibilidade de nos inserir harmonicamente na natureza. Alguns sintomas são próprios de nossos tempos, como os desequilíbrios emocionais do stress, depressão, ansiedade, pânico, compulsões, angústia, medo, raiva. Da mesma forma as pessoas com estas disfunções apresentarão alterações no seu campo energético ou aura e poderão ser tratada através dos florais.

Federico Navarro, no livro *Orgonomia Clínica* inclui processos terapêuticos coadjuvantes, chamando-as “Terapias energéticas convergentes” (2002, p 33), referendando este conceito. Citando a aromaterapia e fitoterapia diz que:

As plantas agem modificando o campo magnético que é provocado com a emissão de ondas (...) A principal ação das plantas é a de carregar o sistema neurovegetativo devido ao seu poder de oxidoredução; a planta tem um poder superior que é seu princípio ativo. (NAVARRO, 2002, p. 59).

Quem recebe um medicamento feito com qualquer parte de uma planta, recebe um elemento com múltiplos princípios ativos de um ser completo, semelhante a um ser humano em sua estrutura. Consideram-se suas raízes, que lhe dão base para se erguer, sejam seu talo, ramos e folhas que lhe dão elementos para captar a luz, o ar da qual se alimenta ou as suas flores que contém as essências das sementes das quais ressurgirá.

A conexão energética entre estes seres vivos, está na energia sutil definida como aura para Joel Aleixo, encontrada tanto nas plantas como nos seres humanos e, definidas em ambas como vibração em frequência do espectro lumínico ou luz.

Acredito, e sem dúvida, que não tão só os florais teriam essa particularidade senão qualquer outro elemento vibracional que possa ter a ressonância entre este sistema que o ser humano manifesta como energia através de um comportamento que normalmente aparecem bloqueados ou deturpados por aprendizados de outras etapas de sua vida, criando couraças,

as quais se tornam empecilhos para o desenvolvimento. Os florais como elementos vivos e energéticos, também, trazem auxílio para a tomada de consciência, indispensável no processo que significa viver. Uma planta que tem características próprias e atuação específica pode ser chamada a melhorar as dificuldades de uma pessoa entrando em ressonância e trazendo consciência sobre essa dificuldade.

Como explica Navarro:

A característica de todo ser vivo (planta ou animal) é a sensibilidade, cuja manifestação fundamental é o instinto, que realiza as condições de estabilidade com fenômenos de feedback. A sensibilidade é uma aceção mais ampla, é responsável pelo sentimento, que, por sua vez se manifesta como afeto ou emoção. (NAVARRO, 1996, p. 42).

Ante estas semelhanças originais entre as plantas e o ser humano, de caráter vibracional, não temos dúvida que os Florais Brasileiros são um coadjuvante para levantar a energia de uma pessoa hipoorgonótica, estruturar a energia de uma pessoa desorgonótica e regular a energia de uma pessoa hiperorgonótica. Este auxílio já seria suficiente para iniciar um processo de tomada de consciência, nas quais, novas respostas chegarão a quem está usando deste recurso assim, terapeuticamente, redefinindo novas intervenções que poderão alcançar aspectos específicos próprios da caractereologia antes citada.

As plantas também têm sete níveis, portanto, seria fácil encontrar a similaridade entre estes campos vibracionais que por um lado respondem a conceitos emotivos e afetivos e por outro lado respondem a cores do espectro solar.

A planta responde às leis da natureza e não tem outra manifestação a não ser a específica para todos os indivíduos de sua espécie. Ao contrário do ser humano que por possuir livre arbítrio cria permanentemente situações que lamentavelmente, historicamente o tem deixado cada vez mais longe desta natureza original. Acreditamos serem as plantas o elemento perfeito para nos fazer lembrar a nossa origem. Somos natureza, mas perdemos nossa conexão, e as plantas nos entregam a conexão perdida.

REFERÊNCIAS

ALEIXO, JOEL. **Essências Florais Brasileiras**. São Paulo, Editora Ground. 1995.

NAVARRO, F. **Caractereologia pós-reichiana**. São Paulo: Summus, 1995.

NAVARRO, F. **Orgonomia Clínica**. Curitiba, Centro Reichiano. 2002.

NAVARRO, F. **Metodologia da Vegetoterapia Caractero-analítica**. São Paulo: Summus, 1996.

REICH. W. A função do orgasmo. São Paulo: Brasiliense, 1986

REICH. W. Análise do caráter. São Paulo: Martins Fontes, 1995

VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. **Reich: da Psicanálise à Análise do Caráter**. Curitiba: Centro Reichiano, 2003.

VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. **Reich: da Vegetoterapia à Descoberta da Energia Orgone**. Curitiba: Centro Reichiano, 2003.

